

Apontamentos de fim de século: reflexões sobre a guerra civil espanhola a partir da América Latina¹

José Carlos Sebe Bom MEIHY*

Resumo: Este texto trata de repensar os movimentos mais importantes dos passados cem anos, ganhando vigor como um dos episódios mais relevantes de nossa era, a Guerra Civil Espanhola (GCE). O impacto no mundo e as conseqüências do evento o colocam juntamente com a Primeira e Segunda Guerra Mundiais, como um dos fatos mais marcantes política, cultural e socialmente.

Abstract: This text aims at re-thinking the most important world movements in the past hundred years. One of the most relevant episodes of our time is the Spanish civil War. The consequences of it were felt all over the world, together with the Second World War.

This is why the Spanish Civil War is a very important fact in the world's politics, culture and social organization.

O fim do século XX convida a repensar os movimentos mais importantes dos passados cem anos. A Guerra Civil Espanhola (GCE), nesta linha, ganha vigor como um dos episódios mais relevantes de nossa era. O impacto no mundo e as conseqüências do evento o colocam, juntamente com a Primeira e Segunda Guerra Mundiais, como um dos fatos mais marcantes política, cultural e socialmente. Sobre ela, pode-se repertir, apoiado em vários autores que esse tem sido um dos temas mais explorados pela historiografia ocidental.

¹ Trata-se de uma apresentação feita em um seminário sob o título apontamentos para o fim do século. Portanto, é um texto corrido, sem notas.

* Departamento de História - USP

José Carlos Sebe Bom Meihy

Apesar da fartura de obras sobre diferentes aspectos da GCE, ainda são infinitas as possibilidades para se contemplar o assunto, para tanto é preciso que se estabeleça critérios de análise sobre a produção historiográfica da GCE, esquematizando as correntes gerais para localizar as lacunas temáticas existentes.

Em geral, a historiografia da GCE tem sido escrita sob três tendências temáticas principais, a saber:

1) a internacionalização dos acontecimentos europeus que transformaram os "problemas" espanhóis em questões mundiais, particularmente da Europa dividida entre socialismo e fascismo;

2) a exclusividade da Guerra como uma desavença fratricida, meramente espanhola - da qual o envolvimento internacional foi episódio; e,

3) do ponto de vista exclusivo dos países que de alguma maneira estiveram se relacionando com a Guerra. É nesta vertente que alguns autores tem se aventurado a colocar as histórias de certos países, sem que contudo haja grandes esforços em proceder a uma reflexão conjunta.

A AMÉRICA LATINA E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

No caso da América Latina, existem dois fatores orientando as tendências historiográficas na consideração da GCE em seus vínculos diretos com cada país, separadamente. em um polo existem as especificidades nacionais de cada estado, que motivavam diferentemente a participação nacional ou de segmentos sociais. Nesses casos, como a objetivação temática quase sempre liga um conjunto de problemas específicos a outro, o que se encontra são estudos das situações de certos países e a Espanha. No extremo oposto, e em decorrência da não existência de instituições que harmonizassem as atitudes latino-americanas, pode-se falar da falta de uma consciência continental, hispano-americana, a respeito dos problemas mundiais em geral, e, espanhóis em particular. Neste sentido, aliás, é pertinente perguntar se haveria alguma razão específica para que se fixassem compromissos hispano-americanos comuns e ao mesmo tempo indagar-se da sintonia latino-americana com o resto do mundo, que se ligava a favor ou contra os republicanos espanhóis.

Apontamentos de fim de século: reflexões sobre a guerra civil espanhola a partir da América Latina

As respostas para estas perguntas são complexas e plurais, principalmente por se partir da constatação da não uniformidade nas reações latino-americanas, tanto em face da GCE como das polarizações políticas de esquerda e de direita. O que se nota como evidente é que houve gradações: envolvimento muito inensos e até participações minúsculas. Estados como o México se empenharam tão completamente nos fenômenos da Guerra que se pode dizer que estes se constituíram na essência dos próprios problemas nacionais mexicanos, entretanto um ramo da sua historiografia. Outros casos como a Bolívia e o Paraguai, tiveram tão pequeno grau de participação direta que se pode supor que os interesses empenhados ou foram individuais ou de pequenos grupos isolados. De qualquer forma, é de se indagar dos motivos que afastaram ou uniram “países irmãos” da defesa dos problemas da “pátria mãe”. Será que o fato de ter existido um passado comum, com língua, religião, cultura básica e costumes próximos não poderia ter motivado de forma diferenciada a América Latina? Elaborando a mesma hipótese de outra maneira, questiona-se as razões especiais que levariam os latino-americanos a terem uma participação mais direta e empenhada nestes eventos: por que a América Latina poderia, ou deveria, se envolver diferentemente na GCE? Qual a razão diversa de outros continentes ou regiões políticas e culturais para tanto? ou contrariamente, poder-se-ia aplicar ao caso latino-americano as mesmas expectativas dos estados que não tiveram nenhum passado tão determinadamente fundido?

Para esta questão, há duas teses básicas; uma de ordem “histórica” e outra “circunstancial”. No primeiro caso, admite-se que a carga promovida pela relação colônia/metrópole tenha valido como raiz para qualquer posicionamento. isto é, o fato de ter existido um povoamento, seguido da exploração econômica que secularmente marcou como “Ibérica” as terras conquistadas e as culturas latino-americanas, haveria de impor “naturalmente” uma correspondência entre as partes. No segundo caso, teriam sido mais relevantes os desafios imediatos, os apelos às posições políticas polarizadoras - ou socialistas ou fascistas - que haveriam de dar um sentido espontâneo, esporádico, e determinante para as participações (ou ausências). É paradoxal notar que pouca atenção tem sido dada a este problema apesar de sua magnitude e potencial explicativos. Afinal as respostas a essas questões

significariam oportunidades para se inferir considerações sobre a existência ou não de uma unidade ou coerência política latino-americana acima da acidentalidade geográfica e dos problemas comuns que, ao longo da História, tem marcado suas "identidades". Igualmente o peso da persistência da espanholidade também poderia ser medido a partir da existência de uma cultura com subtratos continuado e comuns. Tanto a tese "histórica" quanto a "circunstancial" tem merecido alguma atenção dos historiadores, que, contudo, não se aprofundaram ainda nas explicações pertinentes.

Os defensores da tese do compromisso histórico argumentam que as partes - Península Ibérica e América Latina - estiveram unidas por séculos de atividades indissolúveis que juntas animaram o Antigo Sistema Colonial. A superação desse estatuto impôs processos de rejeições que, por óbvio, influíram no esclerosamento da relação, principalmente a partir da definição das independências nacionais, estabelecidas desde o século XIX, ainda que algum esforço tenha existido, principalmente desde a virada do século, tentando-se apagar as marcas da negação ibérica, o estigma do corte da dependência política e cultural das antigas metrópoles se impôs, afastando a América Latina da Península. Como é facilmente perceptível, os pressupostos da Leyenda Negra foram incorporados pelas histórias nacionais dos diversos países que definiram sua emancipação pelo processo de isolamento dos pressupostos colonizadores e culturais Ibéricos. Concomitantemente os padrões de identidade se transferiram para França e Inglaterra, caracterizando uma espécie de pavor do passado colonial.

Nesse roteiro houve um fato divisor de águas: a Independência de Cuba em 1898 e a Guerra contra os Estados Unidos que decorreu dela. Libertada a América das amarras coloniais, ergueram-se os Estados Unidos com uma política econômica de efeitos culturais que buscava avassalar o continente. A oposição ao poderio imperialista norte-americano, resultou no esforço para se estabelecer uma vinculação hispânica, refutando a norte-americanização da cultura continental. Como respostas a algumas destas políticas, teceram-se "afinidades", que se revestiram da retórica do "hispanismo", porém um "hispanismo" de conveniência e sem implicações de poder, independente dos nacionalismos.

Os defensores das teses circunstancionalistas mostram que, além dos efeitos "morais" da política cultural do hispanismo, fatores políticos internacionais, pragmáticos e instantâneos, promoveram na década de 20 e 30

Apontamentos de fim de século: reflexões sobre a guerra civil espanhola a partir da América Latina

o posicionamento de grupos da América Latina, que se viam impelidos a participar nas mudanças européias que tramitavam entre extremos. Logicamente as repercussões das políticas internacionais orientariam as posições latino-americanas sem que se indagasse se elas vigeriam independentemente dos condicionantes históricos. Poderiam as ex-colônias ibéricas permanecer a par dos acontecimentos espanhóis e considerá-los como produto do jogo entre o socialismo e o fascismo? Haveria como apagar a História comum e não contar nesse caso nem com o passado comum, nem com tradições institucionais herdadas?

Por evidente as duas posições não são excludentes. Pode-se dizer que há um ponto comum entre o esforço de aproximação histórica e as situações circunstancialistas. Nos fins do século XIX a atração promovida por intelectuais espanhóis sensibilizados pela necessidade de recuperação e (re)entrosamento de um passado comum, fizeram com que autores como Juan Valera e Marcelino Menendez y Pelayo se empenhassem em divulgar textos vinculados a uma cultura hispânica que seria original a latino-americanos e a espanhóis. Independentemente dos fatos isolados, foi havendo a superposição de atitudes que refletiam certas políticas como o desprezo às hegemonias culturais propugnadas por diversas matrizes culturais “exóticas”. A proliferação de revistas como “Vida Nueva” e “Gente Vieja” que dialogavam entre si exponenciando a amplitude da cultura espanhola, era um sintoma que não só implicava na refutação da investida norte-americana como também dizia respeito à formulação de uma identidade a ser construída lentamente, emblemando um mundo de recorte cultural, vinculado à “hispanização” (“hispanização” que significava contraste com anglo-americanização). Ao mesmo tempo, pensando nas questões pertinentes às revistas, convém destacar o papel que tiveram as demais publicações que veicularam o Modernismo (“Germinal”, “Nuestro Tiempo” entre outras) que ao discutir questões estéticas, colocavam em juízo a atualidade ibérica em face do resto do ocidente.

Outro recurso usado foram as celebrações. Decorrência oportuna teria sido a comemoração do “IV Centenário do Descobrimento da América” que em 1892 promovera certas situações aproximativas. Naquele ano, aliás, Ruben Dario tinha ido a Espanha iniciando uma relação que

haveria de abrir caminhos para vários contatos que influiriam na continuidade das relações entre as partes. Mais tarde, em 1900, na entrada do século, o “Congresso Hispanoamericano”, realizado em Madrid propunha um “panlatinismo” reabilitador do “espírito espanhol”. O “panlatinismo” tinha com função ideológica o estabelecimento de uma comunidade cultural hispano-americana que teria reflexo em toda política futura. Afinal não foi dela que Franco se valeu para estabelecer a “Hispanidade”? O triunfo destas artimanhas, contudo, não se deveu apenas ao impulso espanhol. Latino-americanos desde a época de José Martí, trataram de trazer a cena pública a discussão sobre o papel da Espanha, tentando recuperar uma tradição até mesmo onde ela não existiu. Pode-se dizer que é possível delimitar dois momentos em que estas manifestações se mostraram mais presentes: primeiro, os intelectuais latino-americanos estiveram afáveis às questões espanholas antes da problemática democracia; depois surgiram aqueles que intensificaram seus contatos após 1931. De todos, sem dúvidas, Ruben Dario foi o grande aproximador entre a América Latina e a Espanha. Elo de ligação de sutil valor, Dario foi uma síntese do esforço de autores como Blanco Fombona, Amado Nervo, Gomes Carrillo, Manuel Ugarte. Independentemente das críticas de Unamuno, através de Dario se veiculava a poesia americana e na América se aprendia sobre a Espanha que aspirava se modernizar. Esses esforços - é bom que não se esqueça - conviviam com políticos de intensa hispanofobia e acentuados nacionalismos. De qualquer maneira, a estética era um bom campo para abrigar discussões que poderiam ser mais candentes fora dela.

Na mesma linha de atuação, outros “encontros” foram experienciados, fazendo com que a nível da elite pensante fossem constituído pressupostos articuladores que haveriam de ressurgir com indisfarçável tom político mais tarde, sob a bandeira de uma Espanha republicana. Pode-se dizer que os contatos hispanizadores tiveram duas ordens de representação: uma, dos filósofos e vanguardistas que na década de 20 “descobriram” a América (José Ortega y Gasset, Enrique Diez Cañedo, Rafael Altamira e principalmente Valle-Inclán); outra, dos “propagandistas” que como Rafael Alberti, Garcia Lorca, nos anos 30, se posicionaram como apologistas de “um outro Novo Mundo”. As viagens mais próximas da data da Guerra estabeleceram pontes importantes fazendo “apologia” do governo republicano e duas delas merecem especial atenção: a de Garcia Lorca e a do casal Rafael Alberti/Maria Tereza

Apontamentos de fim de século: reflexões sobre a guerra civil espanhola a partir da América Latina

León. Há autores latino-americanos, como Pablo Neruda e Nicolás Guillen, que dão conta do sentido destes trajetos e do impacto sobre a intelectualidade latino-americana.

Ainda que Lorca tenha feito suas viagens anos antes da Guerra (em 1930 e 33), a repercussão fora notável principalmente pela “descoberta” (em 30) da afinidade entre Cadiz e Havana. Aliás nada mais evidente que suas próprias palavras ao chegar em Cuba: “Mas o que é isso? Espanha outra vez? A universal Andaluzia outra vez?”. Na segunda viagem, feita a Argentina em 33, Lorca, além da consagração, do dinheiro e das aventuras amorosas, se encantou a ponto de incluir Buenos Aires --- juntamente com Granada, Cadaques e Madrid --- entre os “lugares onde eu mais amei”. Sobretudo a América Latina fora um espaço de encontros e contatos de artistas e assim se refazia a imagem da Espanha não só para os americanos mas para os próprios espanhóis que a reavaliaram na América. Amizades como a de José Lezama Lima, Alejo Carpentier com o poeta guatemalteco Luiz Cardoza y Aragon (em Cuba) e depois com Raul Gonzalez Tuñon, José Gonzales Carbalho, Amado Villar, Lola Membrives (na Argentina), ambientaram a conversão política de Lorca, abrindo caminho para o trânsito de assuntos comuns. Outros artistas espanhóis como o musicólogo Adolfo Salazar e o pintor Gabriel Garcia Maroto também traziam algo da nova Espanha para a América. Suas obras circulavam fazendo reinar a idéia de uma outra Espanha, progressista, politicamente renovada e que desde a Segunda República rompera com o passado. Em países como Chile e México se dava a mesma efervescência. Obras de importantes artistas e filósofos espanhóis eram divulgadas na América Latina, preparando terreno para o que mais tarde foi o exílio intelectual dos republicanos.

A viagem de Rafael Alberti e Maria Teresa León a Cuba, e de lá a outros países importantes do continente americano, foi a maior abertura à sensibilização do nosso mundo intelectual, artístico e jornalístico em relação ao entendimento do que se passava na Espanha republicana. Os amigos do casal futuramente foram personagens importantes das repercussões dos fatos espanhóis e da tomada de posição dos intelectuais latino-americano em face da GCE. Depois de Cuba e do México, Panamá e Nicarágua foram os únicos países da América Central que deram visto de entrada ao casal “embaixador”.

José Carlos Sebe Bom Meihy

A viagem continuava, foram estabelecidas amizades que armaram uma rede que mais tarde iria explicar a participação de intelectuais latino-americanos no importantíssimo “II CONGRESO INTERNACIONAL DE ESCRITORES PARA LA DEFENSA DE LA CULTURA”, realizado em 1937, contando com a participação de intelectuais de quase todo o mundo. Seria ingênuo não supor que a presença dos latino-americanos se deveu, em muito, às propagandas e amizades desenvolvidas pelos artistas ao longo dos anos próximos da GCE. Logicamente elas não foram exclusivas mas desde outubro de 1936, data do manifesto Asociacion de Escritores y Artistas Hispano-americanos de Paris, Cesar Vallejo e outros se articulavam para trazer, apesar das divergências com Neruda, maior número de escritores da América Latina. Ausência notável neste quadro: o Brasil.